

TECNOLOGIAS E MEMÓRIAS NO ESPAÇO ESCOLAR E NA FORMAÇÃO DOCENTE

Autor: Cirlene B. da Conceição (1); Coautor: Paula Fernanda de B. Barbirato (2); Orientador:
Rejany dos S. Dominick (3)

(Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense; pedagogiatecnologia17@gmail.com)

Resumo

Identificamos que há artefatos tecnológicos informacionais nas escolas, mas pouco uso dos mesmos. Identificamos como importante resgatar e organizar algumas histórias locais em diálogo com as tecnologias disponíveis para a construção de registros sobre a memória dos estudantes, bem como do bairro do Fonseca, em Niterói-RJ. Buscando aprender sobre a história local e o uso das tecnologias para gerar benefícios múltiplos e aprendizados marcados por experiências instituintes, pela troca de saberes entre escola, universidade e os docentes em formação inicial e continuada, propusemos um projeto. Buscamos compartilhar saberes sobre o meio social que nos envolve e que é produzido por todos nós de forma crítica, pois somos sujeitos históricos e produtores de conhecimento. Percebíamos que o resgate da memória local potencializaria a construção de uma identidade coletiva e significativa. O estudo buscou ouvir e possibilitar que jovens e crianças das comunidades afetadas por diferentes formas de violência expressassem suas vivências e buscassem, no contato com parentes ou moradores mais velhos, algumas memórias afetivas para ressignificar o espaço e tornarem-se também narradores. A interação com as tecnologias possibilitou aprendizados, registros e o recontar das histórias sobre o bairro, a escola e sobre moradores da região. Buscamos definir o que é tecnologia e identificamos que podem ser artefatos ou metodologias, que tem por objetivo potencializar ou amplificar as capacidades humanas, podendo servir tanto para a dominação, quanto para a emancipação. Estão presentes em todos os momentos da vida contemporânea mesmo que não tenhamos consciência de que estão na nossa existência.

Palavras-chave: Educação Básica, Inclusão Digital, Tecnologia Social.

Introdução

“(...) O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes. (...)” (*Walter Benjamin, s.p.*)

Inspirando-nos no pensamento de Benjamin, poderíamos começar esse texto de uma forma bastante conhecida: “Era uma vez...”, mas essa história ainda está em curso, sendo construída (e quando não está?) e vivida por muitos sujeitos que a produzem, ao mesmo tempo em que vão sendo produzidos por ela.

Nossa interação com as escolas da rede municipal de Niterói tem se dado de forma bastante intensa, dialógica e crítica. Desde 2006, estudantes da graduação em Pedagogia da UFF e de outras licenciaturas, do grupo de pesquisa vêm desenvolvendo projetos de iniciação científica, de extensão e de docência nos anos iniciais da educação básica. Nos anos de 2016 e 2017 temos

trabalhado com foco na interação entre as tecnologias e a memória, mas nesse texto vamos apresentar aspectos do trabalho no primeiro semestre de 2017.

O foco nas tecnologias surge do fato de que, apesar da Faculdade de Educação da UFF e de muitas escolas municipais em Niterói terem laboratórios de informática equipados com computadores e Internet, não identificamos (Dominick e Silva, 2012) na formação inicial na UFF-Niterói e na formação continuada de professores dos anos iniciais da rede estudada experiências sistemáticas que os capacitassem para a utilização dos recursos digitais disponíveis em tais espaços. A fala de uma das professoras de referência da Escola Municipal Dom José também foi reveladora da carência de formação para o uso dos laboratórios de informática pelos docentes dos AIEB. A professora nos disse que “se sentia perdida ao manusear o sistema operacional Linux”. Este é o sistema utilizado pelas escolas da rede municipal de Niterói e também no Laboratório de Informática (LABI) da FEUFF (Faculdade de Educação da UFF). Com base nos dados de pesquisa temos estruturado estratégias para a formação de professores no curso de Pedagogia-Niterói visando estimular reflexão e práticas sobre o uso dos diferentes artefatos. Apresentamos alguns aspectos de nosso caminho como uma possibilidade a ser reinventada pelos diferentes atores políticos que interagem com a formação de professores.

Temos optado, desde 2006, por realizar projetos nas escolas pelo caminho das teorias interativas, colocando em diálogo a cultura escolar e a cultura universitária. Enveredamo-nos pelos trabalhos que foram desenvolvidos pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC) da UNICAMP e nas elaborações de Linhares, Alves e Garcia, da UFF, que identificam sistematicamente que os docentes são pessoas que refletem, que fazem e elaboram sobre a educação no cotidiano escolar.

Nas escolas públicas de nossas cidades a uma grande tensão com relação à questão de ensinar a ler, escrever e contar. Embora saibamos que tais aspectos sejam fundamentais, os anos iniciais não podem se restringir a tal enfoque e buscamos articular em nossas propostas outras dimensões importantes que contribuam com os docentes para oferecer uma formação às crianças dos anos iniciais que envolva a compreensão crítica da diversidade, da inclusão e das tecnologias (informacionais ou não).

Sabemos que tais temas estão desafiando a todos nós: os docentes das escolas e os docentes que formam professores para a educação básica. Desde o período inicial do projeto, em 2016, constatamos que as bolsistas não tinham habilidade para o uso do Sistema Operacional Linux, embora alguma para uso de outros sistemas e, mais uma vez, fomos levados a pensar sobre o fato de que a não apropriação desses

conhecimentos poderá refletir nas ações futuras dos graduandos.

Dominick e Silva (2013) diagnosticaram que o curso não oferecia disciplinas específicas para o trabalho com as tecnologias informacionais eletrônicas no ensino. Chegaram a essa conclusão por meio de levantamento com bolsistas do projeto, que apontaram poucas disciplinas abordando minimamente o uso das tecnologias na educação. Foram citadas Comunicação e Linguagem e Educação Especial. Além das experiências no projeto, afirmaram não identificar no curso efetivo trabalho com o tema que contribuísse com a formação profissional para lidar com as novas tecnologias como mediadoras de conhecimento. Ampliando o espectro dos informantes elaborou-se questionário, que foi respondido por trinta estudantes concluintes. Constatamos, assim que o curso não dava atenção ao tema.

Percebeu-se a necessidade de discutir no curso de Pedagogia, em Niterói, a temática tecnologias educacionais e informacionais, assim apresentamos projetos: de Extensão, de Inovação em Tecnologia Social (PIBITI), ao Programa de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) e de Licenciatura. Foi oferecida, desde o primeiro semestre de 2016, a Atividade Cultural denominada “Artes de fazer, de usar e recriar, tecnologias nos anos iniciais” para alunos do curso.

Quanto ao trabalho das bolsistas na escola, logo após uma pequena formação teórico-prática, as mesmas estruturaram uma proposta para realização do Projeto na Escola. Este foi pensado e executado em parceria com as professoras e com o grupo referência 4B (Discentes agrupados conforme suas faixas etárias). Buscamos articular a proposta do Projeto na Escola com a temática memória local.

A violência na região em que a escola está localizada foi outro desafio a ser enfrentado. Houve muitos acontecimentos no bairro do Fonseca durante a execução do projeto em 2017, a ponto de o grupo de pesquisa não poder seguir com as atividades em alguns momentos. A escola está localizada entre os morros da Vila Ipiranga e do Santo Cristo, região que estava vivenciando terríveis cenas de violência entre facções e destas com a polícia. Os noticiários comprovam tais fatos com reportagens diárias sobre a guerra de facções na zona norte de Niterói.

Benjamin (1994) em seu texto o narrador nos desafia a retomar a narrativa como um caminho para a reflexão e superação dos silêncios produzidos pelos tempos endurecidos da guerra. O autor nos conta como retornam silenciados aqueles cujas experiências dolorosas não podem ser contadas. No caminho contrário ao silenciamento, nosso projeto quer ouvir e possibilitar que jovens e crianças das comunidades afetadas por diferentes formas de violência expressem

suas vivências e busquem, no contato com parentes ou moradores mais velhos, algumas memórias daquele espaço e tornem-se também narradores em diálogo com os novos artefatos, produzindo uma roda de conversas que se expanda pelo ciberespaço.

Aprendemos que o resgate dessa memória e a narrativa das experiências transforma e potencializa a construção de uma identidade coletiva e significativa para aqueles que vivem na localidade. Como afirma Benjamin (1994, p.198)

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. "Quem viaja tem muito que contar", diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições.

A memória de um grupo que tem o seu registro oral é fundamental, mas é importante, diante das possibilidades que as tecnologias disponíveis nos apresentam, que estas sejam registradas por diferentes meios e ajudem a resgatar um pouco mais da história da região, dando a ela novos significados, pois o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes (Benjamin, 1994, p. 2001).

Buscando uma ressignificação da memória local e sabendo do interesse das crianças por ouvir histórias e pelas tecnologias informacionais é que entramos nesta roda buscando gerar benefícios múltiplos e aprendizados marcados por experiências instituintes, como nos propõem Linhares (2005). Para a autora, as experiências instituintes em educação são aquelas ações políticas produzidas historicamente e que se vão endereçando para uma outra maneira de educar e uma outra cultura. Ambas

marcadas pela construção permanente de uma maior incluíência da vida, uma dignificação permanente do humano em sua pluralidade político-ética, uma afirmação intransigente da igualdade humana, em suas dimensões educacionais e escolares, políticas, econômicas, sociais e culturais (p. 29).

À medida em que o mundo avança, as práticas de contar histórias vão sendo esquecidas, pois a escrita se torna um meio dominante da memória de um povo. Se em um primeiro momento os pergaminhos e, posteriormente, os livros foram os grandes responsáveis por guardarem as histórias de forma escrita, contribuindo para a preservação da memória, hoje, temos a compreensão de que a partir das décadas de 1960 e 70 surgiu “um novo mundo” (Castells, 1999a),

no qual sociedade, economia e cultura se interligaram por meio dos avanços das tecnologias da informação e da comunicação (TICs), fazendo surgir uma sociedade em rede, uma sociedade informacional.

Esse novo mundo é caracterizado por uma economia interdependente, no qual as tecnologias da comunicação e da informação têm um importante papel para o surgimento do que o autor denomina de capitalismo informacional ou capitalismo cognitivo que se efetiva nos anos de 1980. Contudo, todo processo de mudança tem em si o novo e o velho. Com as tecnologias informacionais não têm sido diferente e no mundo do século XXI elas assumem tanto o papel de reprodução da sociedade de classes como um papel de mobilização social daqueles e daquelas que não hegemonomizam os processos econômicos e culturais no planeta, se transformando, pela mão dos usuários das redes sociais, em um instrumento de mobilização social, de denúncia e de reivindicação de direitos políticos em direção a uma sociedade mais democrática, plural e incluyente.

É também Castell (1999b) quem afirma que as novas tecnologias, seus usos e desenvolvimentos são hoje muito rápidos, levando a uma difusão amplificada quase que de forma infinita, à medida que os usuários delas se apropriam e as redefinem. Hoje notasse que as TICs não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas pelos docentes, é preciso que os docentes se apropriem delas como mediadores entre conhecimento e estudantes. O autor afirma que “usuários e criadores podem tornar-se a mesma coisa. Dessa forma, os usuários e criadores podem assumir o controle da tecnologia como no caso da Internet...” (p.69)

A interação com as tecnologias possibilitou aprendizados, registros e o recontar das histórias sobre o bairro do Fonseca, a escola e sobre as pessoas que moram nas duas comunidades. Contudo, é preciso explicitar o que é tecnologia para o grupo. Dialogando com Dominick e Souza (2011) identificamos que esta pode ser um artefato ou uma metodologia construída pelo ser humano a fim de potencializar ou amplificar nossas capacidades, podendo servir tanto para a dominação, quanto para a emancipação. As tecnologias estão presentes em todos os momentos da vida contemporânea ainda que não tenhamos consciência de que as mesmas estão ativamente participando da nossa existência. Na escola, um simples lápis e cadernos são artefatos tecnológicos e podem ser usados de diferentes maneiras.

Concordamos com Lévy (1999, p. 22), quando ele nos pergunta: “Seria a tecnologia um ator autônomo, separado da sociedade e da cultura, que seria apenas uma entidade passiva percutida por um agente exterior?” A sua resposta é primorosa, pois defende um ângulo de análise dos sistemas sócio-técnicos globais a partir de um ponto de vista que foca na parte material e artificial

dos fenômenos humanos. Ele afirma que tecnologia “não é uma entidade real, que existiria independentemente do resto, que teria efeitos distintos e agiria por vontade própria”, pois as atividades humanas abrangem, de maneira indissolúvel, interações entre: pessoas vivas; entidades materiais naturais e artificiais; ideias e representações.

Dialogando com Lévy, temos explicitado que as tecnologias são produzidas pelo homem desde que um pedaço de pau foi usado para caçar ou defender um território. A escola como parte da sociedade também conta com a presença de novas e antigas tecnologias. Há muito tempo as tecnologias estão presentes nas escolas. Houve tempo em que se falava em tecnologias da educação e nos ensinavam a elaborar flanelógrafos, quadro de pregas e outros artefatos. Hoje, participa da cultura escolar, além do tradicional livro didático, todo um novo conjunto de artefatos tecnológicos que não pode ser identificado como algo não pertencente aos processos pedagógicos.

Metodologia

Mediados pelos caminhos propostos na Investigação Participativa e pela Pesquisa-ação (THIOLLENT, 1994; BRANDÃO, 1987, 1990), bem como pela Tecnologia Social (ITS, 2004), buscamos diminuir a separação entre os sujeitos investigados e os sujeitos investigadores para potencializar os diálogos, visando reforçar algumas capacidades dos envolvidos tais como a autoestima, a segurança para se comunicar, a autonomia, o senso crítico, entre outros aspectos.

No ano de 2017 o Projeto na escola aconteceu do mês de abril a dezembro. O processo contou com três momentos integrados: elaboração de pré-projeto, apresentação da proposta à escola, conhecimento do espaço e dos atores sociais, desenvolvimento de atividades (oficinas) e avaliação. Durante o decorrer da nossa caminhada, coletamos dados para a nossa pesquisa e tivemos experiências que nos transformaram. Entre elas estão as oficinas desenvolvidas uma vez por semana pelas bolsistas PIBITI, PIBIC e Licenciatura juntamente com as professoras de referência e de apoio.

O pré-projeto elaborado pelas estudantes foi entregue à diretora e à coordenadora pedagógica para que avaliassem se o tema proposto condizia com a temática que a escola já estava trabalhando. Tal estratégia, além de exigida pela gestão escolar, possibilitou-nos demonstrar que não estávamos chegando com uma proposta fechada, ao contrário, o projeto estava aberto para as possíveis alterações, de acordo com as necessidades e interesses dos sujeitos daquele espaço educacional, pois buscamos

fomentar o diálogo entre todos os atores sociais, sem perder de vista os autores que fundamentam nossa metodologia.

A memória local foi um dos nossos eixos norteadores. Contudo, durante a entrega do pré-projeto pudemos conversar com a coordenadora sobre o projeto que já estava sendo organizado pela instituição de ensino, cujo tema seria: manifestação da cultura popular brasileira. Entre os aspectos abordados pela temática estava o interesse da escola em trabalhar com os diversos ritmos musicais brasileiros. Assim, articulamos nossa proposta inicial à perspectiva que a escola estava buscando e caminhamos.

A turma escolhida pelos gestores da escola para trabalhar em parceria com o nosso projeto foi a do quarto ano do ensino fundamental - GR4B, composta por 18 estudantes. A faixa etária das crianças varia entre 9 e 11 anos. Com exceção de dois alunos: uma com 15 anos, diagnosticada com TEA (transtorno do espectro autista), e o outro com 13 anos. Este era da turma de aceleração e foi “atrasado”, segundo a professora devido a um erro administrativo. A professora de referência é a Valéria Augusto de Assis, atua com esses mesmos educandos há 3 anos consecutivos e relata que já construiu um vínculo afetivo forte com a turma, e a professora de apoio Cintia Schettine Flores.

Iniciamos nossas movimentações participando de uma reunião pedagógica com a equipe gestora. Planejamos com o GR4B e com as respectivas professoras oficinas que foram dinamizadas em encontros semanais, com duração média de 2h a 2h30min cada.

Resultados e Discussão

Dentre as diversas oficinas realizadas com o grupo 4B, destacamos “Ritmos musicais”. Na primeira etapa, visamos investigar o interesse musical das crianças e possibilitar novas descobertas a respeito de ritmos que eles ainda não conheciam. Apresentamos o Samba com a música “Oh coisinha tão bonitinha do pai”, na voz do Jorge Aragão; Bossa Nova com “Garota de Ipanema”, na voz do Toquinho; *Funk* com a música “Favela”, na voz de Mc Marcinho e, a pedido dos alunos durante a atividade, reproduzimos uma música internacional amplamente divulgada pelas mídias: “Despacito”, do cantor Luis Fonsi, que já estava armazenada no celular de uma das bolsistas.

Buscamos estimular nos estudantes o desejo de terem suas próprias produções. Para tanto, partimos de seus próprios interesses indo ao encontro do que está conectado às suas suas vivências, porém não nos limitando a isso. Procuramos dialogar com conhecimentos ainda inexplorados.

Realizamos uma roda de conversa com o grupo. As crianças trouxeram relatos sobre com quem, em que lugar, o que sentem e o que vem à cabeça ao escutarem uma música específica ou determinado ritmo musical. Identificamos que o *funk* é o ritmo que prevalece no cotidiano da grande maioria. Esse estilo de música está profundamente inserido em suas realidades e é escutado pelas crianças tanto em casa quanto em outros locais da comunidade, portanto, dotado de significados importantes para cada um dos sujeitos aqui envolvidos.

Procuramos incentivar com nossas ações uma participação mais ativa da comunidade. Propusemos às crianças uma entrevista com suas famílias, amigos e vizinhos cuja coleta de dados seria realizada por elas, no entanto, as perguntas norteadoras deveriam ser formuladas coletivamente, na sala de referência. Algumas das perguntas norteadoras foram: “Você escuta música? Onde? Com quem? Quais os ritmos musicais que você mais gosta? Quando você escuta música fica alegre ou triste? Qual a memória que vem à cabeça quando escuta música?” Os dados seriam analisados na semana seguinte.

Para a entrevista, sugerimos que os estudantes fizessem uso de novas e antigas tecnologias que tivessem acesso, como celular (gravador de voz do próprio aparelho ou do aplicativo whatsapp), lápis e papel. Apenas 2 estudantes realizaram a entrevista com os familiares, muitos decidiram se auto entrevistar e todos fizeram uso unicamente de lápis, caneta e papel.

Em um círculo de socialização, discorremos sobre as respostas trazidas pelas crianças. Todos disseram ouvir música com familiares, amigos e sozinhos, dependia do momento. Além do funk, as músicas evangélicas dispararam como as mais escutadas por eles e por outros moradores da comunidade da Vila Ipiranga. Quanto as emoções que sentiram ao ouví-las, as crianças, em sua maioria, diziam sentir-se alegres. Outras, no entanto, nos contavam que por lembrarem de acontecimentos que os marcaram, acabavam por se sentir tristes.

A sala de informática (S.I) foi um dos ambientes pedagógicos mais solicitado pelos estudantes para a realização de atividades. Planejamos realizar uma pesquisa sobre a origem do *funk* fazendo uso desse espaço pouco explorado. No entanto nos deparamos com o desafio de não termos a conexão da internet funcionando, o que impossibilitou naquela semana a utilização do S.I. Com isso as crianças tiveram de seguir a proposta da pesquisa fora da escola.

Na terceira etapa da oficina, as crianças compartilharam o que conseguiram pesquisar a respeito do funk e citaram as ferramentas utilizadas para a pesquisa. Apenas 1 discente fez a busca por meio de consulta a livros na biblioteca ao lado da escola. Quanto aos outros estudantes, todos fizeram a busca pela internet.

As ferramentas citadas por eles foram *smartphones* e *tablets*. Os discentes questionaram o porquê de suas respostas serem parecidas. Explicamos que na internet podemos encontrar diversas respostas para nossas pesquisas, mas que é preciso identificar o autor e a fonte do material pesquisado, caso contrário estaríamos nos apropriando de algo que não é da nossa autoria, portanto, cometendo um plágio.

Ao final perguntamos o que eles pensavam a respeito do papel do Funk na nossa cultura. Entre as falas surgiram: “*funk não é apenas para rebolar a bunda até o chão*”; “*o funk serve para passar uma mensagem*”; “*Igual aquela música, tia: Eu só quero é ser feliz, andar tranquilamente na favela onde eu nasci... A gente tem o direito de andar tranquilo aonde a gente mora*”.

Questionamos sobre os funk’s ditos proibidos. Muitos disseram que é feio e que a música não precisa de xingamento para passar uma mensagem. Em seguida, trabalhando com a ideia de que o Funk pode também passar uma mensagem instigante e mesmo crítica, sugerimos a ideia de produzirmos paródias. Os discentes escolheram a música “Vai Embrazando” para a nossa última atividade.

Cabe destacar que com essa atividade as crianças refletiram sobre as suas próprias realidades. Mencionaram desde as relações complexas com os seus familiares à violência vivida no bairro. A escola nos emprestou microfone e caixa de som. As crianças, aparelhadas desses recursos tecnológicos, sentiram-se ainda mais empoderadas para cantarolar suas composições:

Se juntou com a mina e foi La pra sala, foi no bebedouro beber catuaba depois da pipoca ela ficou ansiosa fiquei sabendo que você é abusada dum dum dum para já pode ficar abusada porque a casa já tá toda arrumada se tá travada na minha casa ela destrava ainda mais que tu tem cara de ser chata a noite é uma crianças daqui a pouco vou dormi mas aproveitando vai pegar um lanche ali vai brigando Han han han han (Grupo A).

Eu to com lumbriga quando eu chego em abro a geladeira e não tem batata quero comida minha fome é disgramada minha mãe me disse que tem arroz e salada então para vou morre não tem batata, então para minha fome e disgramada para vou morre não tem batata. Vai engordando AM AM AM AM AM a noite é uma comida daqui a pouco vou ai mais aproveitando que tem batata aqui vai engordando AM AM AM AM AM vai engordando (Grupo B).

Ao final das apresentações, perguntamos qual mensagem eles queriam transmitir por meio de suas paródias. Alguns responderam: - *Porque a minha irmã é meio maluca, por isso eu fiz pra ela*; - *É criação, é inspiração, é criatividade da pessoa*; - *Porque quando eu boto as coisas no facebook todo mundo curte*; - *Tia, foi assim: a gente se inspirou nas coisas que a gente vive todo dia.*

No final apresentamos duas palavras-chave: memória e tecnologia. Dessas nasceram outras criadas pelos próprios estudantes: telefone, notebook, whatsapp, facebook, lembrança, Dom José, Vila Ipiranga, Fonseca e hino nacional. Assim, os próprios alunos se organizaram e produziram novas paródias:

Fui no telefone entrei no whatsapp depois do whatsapp fui no facebook so que minha internet foi pro beleleu mas a minha lembrança ficou no meu facebook dum dum dum para já pode ficar lembrada da minha casa que nos bebemos uma água e eu falei que a água estava bem filtrada e essa água esta muito é gelada dum dum dum desparo é ficar bem ligada. Entre na minha casa que ela esta bem arrumada ham ham ham ham vai arrumando.

Tava no facebook através do notebook pensando na lembrança de quando eu era criança eu estudava a escola Don José ficava na vila Ipiranga e batia outra lembrança e na escola Don José eu estudava na internet vai estudando ham ham ham vai estudando.

Fui em casa para mecher no telefone fui no whatsapp falo com meu amigo, ele queria falar comigo eu fiquei desesperado não sabia o que falar eu pedi a ele pra vir na minha casa pra gente conversar ele disse que não podia vir na minha casa porque tinha tiroteio no Fonseca eu disse que a gente se via amanhã no Don José para gente conversa.

Conclusões

Buscamos realizar uma análise das ações do projeto integrado de Pesquisa, Inovação, Extensão e Licenciatura junto à estudantes de graduação em Pedagogia, à professora e aos educandos dos Anos Iniciais da Educação Básica.

Com relação aos docentes da escola, tanto a professora de referência quanto a de apoio participaram de forma ativa das nossas oficinas, nos ajudando, nos apoiando e dando continuidade às propostas apresentadas nas oficinas durante a semana com as crianças, o que nos deixou muito motivadas. Acreditamos que tivemos um grande sucesso com a turma graças a parceria com as professoras e com a equipe pedagógica da escola, que sempre se mostraram muito motivadas a nos ajudar naquilo que solicitamos. Acreditamos, que elas também aprenderam conosco, principalmente, aspectos relacionados ao uso das tecnologias e do trabalho com a memória local.

Sabemos da importância de proporcionar aos alunos momentos em que os mesmo expressem suas vivências e suas memórias, dar voz aos alunos se torna valioso se queremos cada vez mais que estes participem das aulas de maneira ativa, e que também construam uma identidade coletiva

Concluimos que muito mais que um transmissor de informações, o computador pode ser um aliado efetivo como método um procedimento para o ensino-aprendizagem quando o docente efetua práticas menos diretivas e assume a perspectiva de mediação da aprendizagem.

O projeto procurou ouvir os participantes e possibilitar vivências de compartilhamento. Vamos aprendendo a conectar o fazer pedagógico com aspectos de democratização de acesso à informação, da inclusão digital e da crítica à racionalidade técnica. Usar artefatos tecnológicos de forma humanizadora pressupõe pensar sobre nossos papéis cidadãos, reconhecendo que a educação formal deve ir além de ensinar a ler e escrever com lápis e papel, demanda formar para a diversidade e para a inclusão. Como afirma Dominick (2013), “é preciso pensar complexamente para entender que as tecnologias não estão separadas da nossa existência e com elas interagem as macro e micro políticas, os projetos sociais, os interesses econômicos e de poder”. Criamos as tecnologias e estas devem estar a serviço da emancipação, do exercício da cidadania e da democracia participativa.

Referências

- BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- BRANDÃO, C. R. (org.) **Repensando a pesquisa participante**. 3. ed. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- _____. (org.) **Pesquisa Participante**. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999a.
- _____. **A Era da informação: fim de milênio**. Vol. III. São Paulo: Paz e terra, 1999b.
- DOMINICK, R. dos S.; SILVA, C. de F.. **Relatório das ações e da produção de 2012 do Projeto de Pesquisa As “artes de fazer” a educação em ciclos: diálogos entre tecnologias na formação de Pedagogos II**. Niterói: UFF-PROPPi, 2013. Disponível em: https://www.dropbox.com/s/iikt91d4wajgiu0/Cinthia%20relatorio_final_PIBIC%2015-09.%20doc2013.doc?dl=0
- DOMINICK, R. dos S. e SOUZA, N. V. Tecnologias em diálogo na formação de professores. **Revista Aleph** (UFF. Online), Ano 5, v. 15, Julho de 2011. Disponível em: <http://www.uff.br/revistaleph/pdf/revista15.pdf.pp.50-64>.
- DOMINICK, R. dos S. **Novas e tradicionais tecnologias nos anos iniciais da educação básica e a formação de professores 2016**. Niterói, AGIR-PROPPi- UFF, PIBITI/PIBINOVA. 2015-2016. Disponível em <http://www.agir.uff.br/Arquivos/APD16.pdf>
- DOMINICK, R. dos S.. **Memória, Narrativas e Tecnologia nos anos iniciais da educação básica e as “artes de fazer” no trabalho docente**. Niterói, PIBIC - PROPPi- UFF, Registro IC166686. 2015-2016. Disponível em <https://sistemas.uff.br/pibic/pibic/professor/projetosEmAndamento.uff?conversationId=2515> .
- DOMINICK, Rejany dos S. **As “artes de fazer”, de usar e recriar tecnologias nos anos iniciais da educação básica 2016**. Niterói, PROEx- UFF, Protocolo SIGPROJ 223093.1115.28426. 02022016. 2016.
- DOMINICK, R. dos S.; SILVA, C. de F.. **Relatório das ações e da produção de 2012 do Projeto de Pesquisa As “artes de fazer” a educação em ciclos: diálogos entre tecnologias na formação de Pedagogos II**. Niterói: UFF-PROPPi, 2013. Disponível em: https://www.dropbox.com/s/iikt91d4wajgiu0Cinthia%20relatorio_final_PIBIC%2015-09.%20doc2013.doc?dl=0
- ITS (Instituto de Tecnologia Social). **Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento**. In: **ITS. Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento**. Fundação Banco do Brasil, Rio de Janeiro: 2004. (pp. 117-133). Disponível em: <<http://www.itsbrasil.org.br/infoteca/tecnologia-social/tecnologia-social-uma-estrategia-para-o-desenvolvimento>>. Acesso em: 15 Out 2013.
- LEVY, Pierre (1997) **Cyberculture**. Paris: Odile Jacob.
- LINHARES, Célia. Políticas de formação de professores e experiências instituintes. **Revista Eletrônica do ALEPH** (ISSN 1807-6211). Ano 1, n. 05, maio/junho de 2005.

(83) 3322.3222

contato@ceduce.com.br

www.ceduce.com.br



THIOLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. S. P.: Cortez, 1994.